



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,
EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB**

**A COMUNICAÇÃO DO DEFICIENTE FÍSICO COM PARALISIA CEREBRAL -
Estudo de caso**

DEBORAH CARVALHO DA SILVA CARDOSO

ORIENTADORA: ROSANIA APARECIDA STOCO DE OLIVEIRA

BRASÍLIA/2011

DEBORAH CARVALHO DA SILVA CARDOSO

**A COMUNICAÇÃO DO DEFICIENTE FÍSICO COM PARALISIA CEREBRAL -
Estudo de caso**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB - Pólo de Anápolis-GO. Orientadora: Professor Mestre Rosania Aparecida Stoco de Oliveira.

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO**DEBORAH CARVALHO DA SILVA CARDOSO****A COMUNICAÇÃO DO DEFICIENTE FÍSICO COM PARALISIA
CEREBRAL - Estudo de caso**

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 16/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

ROSANIA APARECIDA STOCO DE OLIVEIRA (Orientadora)

ANA CLAUDIA RODRIGUES FERNANDES (Examinadora)

DEBORAH CARVALHO DA SILVA CARDOSO (Cursista)

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha família, que esta comigo a cada passo da vida, certo ou errado sempre me apoiando, motivando e ensinando a ser uma pessoa melhor e feliz.

AGRADECIMENTOS

Dedico esta monografia a Deus, que sempre foi e sempre será meu refúgio e fortaleza, que proporcionou momentos que me fizeram romper na vida, e possibilitou a conclusão de mais uma fase da minha vida.

Aos meus queridos e amados filhos Guilherme e Isabella, que de forma carinhosa deram força e descontraíram o ambiente com brincadeiras no momento da realização da monografia.

Ao meu Marido Tarcisio, por me entender, por me ajudar, por me dar força para que eu não desistisse, por acreditar e confiar em mim;

Aos meus pais, que sempre acreditaram nas minhas escolhas, e ficam felizes com cada vitória.

À professora Rosania, que carinhosamente se dedicou a orientar-me neste trabalho dispondo-se até no final de semana sempre disposta a ouvir e ajudar.

À todos, mesmo que não citados os nomes mas contribuíram de forma significativa com opiniões e comentários na realização deste.

À todos vocês que fizeram mais um sonho se realizar, muito obrigada!

RESUMO

A capacidade de muitas crianças com dificuldades significativas no desenvolvimento, na aquisição e no uso de linguagem está comprometida pelas suas dificuldades na produção da fala. Para desenvolver a linguagem, essas requerem intervenções, utilizando modalidades alternativas que compensem a fala inexistente ou limitada. Este estudo de caso teve como objetivo estudar a comunicação e compreensão de duas alunas com Paralisia Cerebral (PC) que não vocalizam, que estudam no 2º Ano do Ensino Fundamental, em uma escola regular no município de Anápolis - GO. O embasamento teórico deste estudo foi realizado através do estudo de vários autores dentre eles: Tetzchner e Martisen (2000), Bersch (2006), Nunes (1992), Fischinger (1970), entre outros. A metodologia utilizada neste trabalho de pesquisa foi a qualitativa – estudo de caso, como instrumento foram utilizados: entrevista, realizada com 02 (duas) professoras regentes que trabalham com as alunas com Paralisia Cerebral, Diretora da Escola, Coordenadora Pedagógica e os Pais das alunas; bem como observações das 02 (duas) alunas com Paralisia Cerebral no ambiente escolar. A pesquisa apresentou como resultado: o processo de comunicação entre as aluna pesquisadas e o grupo de professoras que diretamente estão em contato com as mesmas, o uso da TA (Tecnologia Assistiva) para favorecimento da aprendizagem e inclusão e ainda, a busca por alternativas viáveis para favorecimento da comunicação, e ainda a participação da família. Concluiu-se que a escola tenta de várias formas buscar uma comunicação que favoreça a criança, através da participação da família em parceria com a equipe da escola, almejando assim uma inclusão global.

PALAVRAS –CHAVES: deficiente físico, comunicação, paralisia cerebral

SUMÁRIO

RESUMO	06
APRESENTAÇÃO	08
I- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
1.1 – Comunicação	12
1.2 - Deficiência Física	13
1.2.1- Paralisia Cerebral	16
1.3 - Recursos de Comunicação	17
1.3.1-CAA (Comunicação Aumentativa e Alternativa)	18
1.4 - A Família e a Escola no Processo de Comunicação	20
1.5 - Sugestões de Materiais Adaptados	21
II- OBJETIVOS	23
2.1-Objetivo Geral	23
2.2- Objetivos Específicos	23
III- METODOLOGIA	24
IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
V – CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERÊNCIAS	34
APÊNDICES	38
A- Roteiro de Entrevista – Professor/Diretor/Coordenador (Modelo)	38
B- Roteiro de Entrevista – Pais (Modelo)	39
ANEXOS	40
A – Carta de Apresentação – Escola (Modelo)	40
B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Pais (Modelo)	41
C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais/Responsáveis (Modelo)	42
D- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)	43
E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Diretor (Modelo)	44
F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Coordenador (Modelo)	45

APRESENTAÇÃO

Nos últimos 35 anos, indivíduos impossibilitados de se expressar oralmente de maneira usual, ou seja, pela fala, vêm tendo a oportunidade de utilizar recursos alternativos para que a sua comunicação se efetive. A capacidade de muitas crianças com dificuldades significativas no desenvolvimento, na aquisição e no uso de linguagem está comprometida pelas suas dificuldades na produção da fala. Para desenvolver a linguagem, essas requerem intervenções, utilizando modalidades alternativas que compensem a fala inexistente ou limitada. Porém não é o que ocorre com a maioria das crianças com alterações neuromotoras, onde a alteração de linguagem é uma das principais características.

Para Limonge (1998) a aquisição da linguagem é função da elaboração das estruturas cognitivas, além de depender também de um modelo exterior. É uma das manifestações da capacidade humana de representar eventos, mesmo na sua ausência. Portanto, implica em representação dotada de significação, além de ser um sistema que combina símbolos de acordo com regras, que devem ser adquiridas e aplicadas na conservação e na compreensão.

Desta forma o interesse pela temática comunicação é fruto de experiência como professora desde 1995, como psicopedagoga desde 2004 e, como fisioterapeuta desde 2008, que permitiu olhar de forma minuciosa para os alunos da inclusão. A observação do cotidiano no Ensino Fundamental, tanto em instituições e escolas particulares como em escolas municipais de Anápolis-Goiás, deixam evidente a forma de comunicação e linguagem que estas crianças possuem, focando especificamente as crianças com deficiência física nestes ambientes.

Hoje, como Coordenadora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Professora de estimulação global observo o grande índice de crianças que chegam às escolas com dificuldades para verbalizar, com atraso neuropsicomotor. Isto prejudica tanto a interação quanto a aquisição de conteúdos e, ainda, a compreensão do número de casos que chegam às escolas em todos os níveis. Este tema acompanha uma gama de interrogações e dúvidas das professoras nas salas de aula, sempre questionando: como posso me comunicar com esta criança? Ela está entendendo o conteúdo? Como entender o processo de aprendizagem desta criança? E, em casa, como será a comunicação? Que tipo de abordagem estabelecer com ela?

São perguntas que foram respondidas ao longo do trabalho em que envolve uma pesquisa, um estudo de caso, a descoberta de como acontece esse processo na educação, que vem modificando as salas de aulas e a visão dos professores diante da inclusão.

Este estudo de caso sobre a comunicação da criança deficiente física afásica, ou seja, que não fala pelo comprometimento cerebral, teve como objetivo estudar como pode ser esta comunicação, de que forma estas crianças se comunicam? Através de linguagem gestual, facial, através de outros recursos com figuras, palavras soltas, programas de computador? Qual é a forma de comunicação para estabelecer contato tanto na escola, com colegas e na sociedade?

Diante desta preocupação resolvi fazer este estudo, em uma escola do Município onde resido que possui crianças que não verbalizam e estão freqüentando a escola no ensino regular como qualquer outra criança, com seus direitos à escolaridade assegurados conforme prevê a Lei.

A Metodologia utilizada neste trabalho de pesquisa foi a qualitativa – estudo de caso. Foram realizadas entrevistas com 02 (duas) Professoras regentes que trabalham com as alunas com Paralisia Cerebral, Diretora da Escola, Coordenadora Pedagógica e os Pais das alunas. Outro instrumento utilizado na pesquisa foram observações das 02 (duas) alunas com Paralisia Cerebral, tentando buscar respostas que minimizem os conflitos sofridos pelas crianças, com a necessidade de se comunicar para estudar e ao mesmo tempo, a dificuldade na comunicação que interfere na aprendizagem destas crianças deficientes físicas que não se comunicam de modo convencional.

O trabalho foi dividido em partes, buscando enfatizar e esclarecer todo o estudo de caso em uma visão abrangente de fatos que possam ocorrer com a criança que não se comunica convencionalmente, mas utiliza recursos específicos ou direcionados para comunicar-se.

Portanto, o trabalho encontra-se dividido em partes, a citar: na primeira temos a Fundamentação Teórica do mesmo onde o Tópico 1 aborda a comunicação, mostrando a forma de comunicação convencional e a dificuldade de comunicação de crianças deficientes físicas dentro da escola, procurando evidenciar a necessidade de estabelecer uma comunicação que favoreça a aprendizagem e a inclusão. No Tópico 2 é enfatizada a deficiência física e suas abordagens e dificuldades, mas não impossibilidade de adaptações de recursos que possibilitam favorecer a aprendizagem mostrando também que a criança com paralisia cerebral se desenvolve como qualquer outra. No Tópico 3 tentei demonstrar como pode ser a comunicação destas crianças através de recursos que favoreçam a participação e a

integração, como trabalhar com a TA (Tecnologia Assistiva), enfatizando a comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA), e na descoberta de como esta crianças se comunicam. No Tópico 4 coloca-se a família como processo fundamental da parceria do aprendizado de seus filhos que necessitam de uma abordagem específica na comunicação como fonte de desenvolvimento. E, no Tópico 5, encontram-se sugestões de materiais que podem ser adaptados para uma boa comunicação e interação, facilitando a tarefa do professor e aumentando as possibilidades de aprendizagem das crianças e sua interação com os colegas. Na segunda parte encontra-se explicitados os objetivos do trabalho. Na terceira parte é descrita a Metodologia utilizada para a realização do trabalho. Na quarta parte encontram-se os Resultados e Discussão onde os dados coletados são analisados e comparados com os autores que fundamentam o estudo. Na sexta parte temos as Considerações Finais do trabalho, seguido das Referências, Apêndices e Anexos.

Não se teve a pretensão de esgotar um assunto tão vasto e importante com este trabalho, mas proporcionar subsídios para profissionais da área educacional e da saúde, mostrando como pode ser a linguagem, como pode ser percebida, através de diversos órgãos dos sentidos, o que levará a distinguirem-se várias espécies de linguagem: visual, auditiva, tátil, etc. Os elementos constitutivos da linguagem são, pois, gestos, sinais, sons, símbolos ou palavras, usados para representar conceitos de comunicação, ideias, significados e pensamentos. Embora os animais também se comuniquem, a linguagem verbal pertence apenas ao Homem. (ALMEIDA, 2005).

I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A capacidade de muitas crianças com dificuldades significativas no desenvolvimento, na aquisição e no uso de linguagem está comprometida pelas suas dificuldades na produção de fala. Para desenvolver a linguagem, essas requerem intervenção, utilizando modalidades alternativas que compensem a fala inexistente ou limitada. Porém não é o que ocorre com a maioria das crianças com alterações neuromotoras, onde a alteração de linguagem é uma das principais características. (BERSCH, 2006).

Segundo Nunes (1992), a comunicação é uma necessidade básica entre os homens. Faz-se necessária nas relações, constituído-se num aspecto fundamental para sobrevivência. A criança, desde seu nascimento faz uso do choro, do riso para expressar suas vontades. Aprende a falar aos poucos, utilizando de gestos e posturas, mantendo contato com os demais e se tornando ativa em seu meio.

A linguagem por sua vez, é entendida como um sistema composto por símbolos arbitrários, construídos e convencionados socialmente e governado por regras, que representam idéias sobre o mundo e serve primariamente ao propósito da comunicação (NUNES, 1992). A fala, nesse sentido, é apenas um dos veículos possíveis da linguagem, ainda que seja, de longe, o mais frequentemente usado (NUNES, 1992).

A participação dos pais no processo de intervenção da criança com severa dificuldade de comunicação também é defendida por Tetzchner e Martisen (2000). Afirmam os autores que os pais e irmãos de crianças com severos problemas de comunicação são figuras centrais na vida das mesmas, sendo parceiros importantes na intervenção: "as crianças não se tornarão utilizadores competentes de signos gestuais, gráficos e tangíveis" sem que os membros da família compreendam e apoiem esse esforço." (TETZCHNER & MARTISEN, 2000, p. 267).

Para Deliberato e Manzini (2000), durante o processo de seleção dos recursos alternativos e/ou suplementares, são necessários cuidados específicos, como uma ampla avaliação do usuário, de maneira a focalizar seus centros de interesse, suas habilidades e necessidades, além de seu vocabulário inicial. Neste contexto é importante a participação do sujeito, de uma equipe de trabalho, da família e da escola.

1.1-Comunicação

Existem dificuldades de comunicação oral e gestual que podem estar associadas à deficiência física, o que, comumente, diz respeito aos problemas motores de comunicação. As desordens mais comuns estão relacionadas às possibilidades de articular a fala, o que interfere em sua inteligibilidade. Falar não é fácil, configurar-se uma tarefa motora complexa. É preciso coordenar respiração, fonação e articulação para produzir movimentos finos, sequenciados e rápidos, o que é exigido para a expressão oral.

A disartria é a alteração da fala que mais interfere na emissão de sons voluntários e controle da ritmicidade da fala na criança com deficiência física. Dificuldades no controle da cabeça, tronco e membros também interferem na expressão oral.(PUYUELO, 2001). Por esse motivo, a sua fala pode se apresentar mais lentificada ou parecer enrolada quando fala mais rápido, ou ainda, ser ininteligível. Outrossim, a alteração nos movimentos pode prejudicar outras formas de comunicação como a emissão de gestos ou a escrita manual. O processo de ensino-aprendizagem também se apoia na comunicação entre as pessoas, pois é no jogo dialógico que ocorre a construção e negociação de significados e sentidos.

Desta forma, é imprescindível conhecer como a criança se comunica e aprender como podemos ajudá-la. No caso da criança apresentar uma disartria grave e não conseguir vocalizar palavras inteligíveis, comumente é preciso utilizar gestos e fazer perguntas que ela possa responder com esses gestos. Se ela conseguir menear a cabeça para expressar “sim” e “não”, as perguntas devem ser fechadas, como: -“Você quer ir ao banheiro? e não -“Você quer ir ao banheiro agora ou mais tarde?”. Provavelmente, a criança também utiliza outros gestos que foram construídos por meio de suas interações anteriores. Comumente, as crianças já usam gestos específicos para dizer que estão com fome ou que querem falar com o professor, por exemplo. (GIL, 2002).

O processo de ensino aprendizagem também se apoia na comunicação entre as pessoas, pois é no jogo dialógico que ocorre a construção e negociação de significados e sentidos (BAKHTIN, 1986). Assim, é importante se informar com os pais sobre como a criança se comunica em casa. O professor não precisa sentir-se intimidado e pode buscar aprender a falar com ela, pois assim, além de mediar a sua comunicação com os outros alunos também os habilitará a mais uma forma de comunicação.

1.2-Deficiência Física

A deficiência física, em linhas gerais, diz respeito a perda ou redução da capacidade de movimento de qualquer parte do corpo em decorrência de lesões neurológicas, neuromusculares, ortopédicas ou malformações congênitas e adquiridas, as alterações no movimento podem se apresentar sob a forma de paralisia ou paresia. O termo paralisia se refere a perda da capacidade de contração muscular voluntária, por interrupção funcional ou orgânica em um ponto qualquer da via motora, que pode ir do córtex cerebral até o próprio músculo. E o termo paresia concerne ao movimento limitado ou diminuído no que diz respeito à força muscular, precisão ou amplitude do movimento. Isso quer dizer, que algumas pessoas com deficiência física não vão apresentar movimento ou até movimento alterado em alguma ou muitas partes de seu corpo. (SANTOS; BARBATOS; 2006).

É importante conhecer a patologia com a qual o aluno convive, suas manifestações e curso de desenvolvimento. A deficiência física, em princípio, diz respeito a alterações nos movimentos, no entanto, essas alterações podem implicar singularidades nos modos de mobilidade, alimentação, coordenação motora, comunicação oral ou escrita, por exemplo o que pode remeter à necessidade de adaptação para a realização das atividades escolares. Ressalta-se que tais dificuldades podem se modificar ao longo do tempo conforme o curso de desenvolvimento da pessoa e/ou na patologia.

Piaget (1975) afirma que a inteligência se constrói mediante a troca entre o organismo e o meio, mecanismo pelo qual se dá a formação das estruturas cognitivas o organismo com sua bagagem hereditária, em contato com o meio, perturba-se e, para superar esse desequilíbrio e se adaptar, constrói novos esquemas. O aprendizado tem início muito precoce. Durante a primeira etapa do desenvolvimento infantil a criança especializa e aumenta seu repertório de relações e expressões através dos movimentos e das sensações que estes lhe proporcionam; das ações que executa sobre o meio; da reação do meio, novamente percebida por ela. Sensações experimentadas, significadas afetivas e intelectualmente, armazenadas e utilizadas, reutilizadas e percebidas em novas relações e, assim por diante.

A criança com deficiência física não pode estar em um mundo à parte para desenvolver suas habilidades motoras. É preciso que ela receba os benefícios tecnológicos e de reabilitação em constante interação com o ambiente ao qual pertence. É muito mais significativo para a criança desenvolver habilidades de fala se ela tem com quem se comunicar. Da mesma forma, é mais significativo desenvolver habilidades de andar se para ela está garantido o seu direito de ir e vir.

O ambiente escolar é, para qualquer criança, o espaço por natureza de interação de uns com os outros. É nesse espaço que nos vemos motivados para estabelecer comunicação, a sentir a necessidade de nos locomover, entre outras habilidades que nos fazem pertencer ao gênero humano. O aprendizado de habilidades ganha muito mais sentido quando a criança está imersa em um ambiente compartilhado que permite o convívio e a participação. A inclusão escolar é a oportunidade para que de fato a criança com deficiência física não esteja à parte, realizando atividades meramente condicionadas e sem sentido. (VIGOTSKY, 1991, p. 09).

Após buscar informações sobre a patologia em geral, o professor enfoca sua atividade a fim de conhecer o seu aluno, planejar é o próximo passo. Observando como ele age, busca conversar com ele e seus pais; levantando suas dúvidas e buscando um contato com os profissionais de saúde que o acompanham. Certamente, partilhar as dúvidas amplia os próprios conhecimentos e produz reflexões que orientarão sua ação pedagógica no cotidiano escolar. Comumente, as primeiras questões dos educadores estão relacionadas às formas de se movimentar e de se comunicar, além das necessidades básicas como as de higiene e alimentação.

Na escola encontraremos alunos com diferentes diagnósticos. Para os professores será importante a informação sobre quadros progressivos ou estáveis, alterações ou não da sensibilidade tátil, térmica ou dolorosa; se existem outras complicações associadas como epilepsia ou problemas de saúde que requerem cuidados e medicações (respiratórios, cardiovasculares, etc.). Essas informações auxiliarão o professor especializado a conduzir seu trabalho com o aluno e orientar o professor da classe comum sobre questões específicas de cuidados. (BERSCH, 2006).

É fundamental que haja clareza, especialmente das instituições de ensino, do que vem a ser um recurso pedagógico e como este pode ser utilizado pelos professores no atendimento educacional aos alunos que apresentam deficiência física, para que as barreiras que limitam a aprendizagem dessas pessoas sejam superadas, proporcionando-lhes a plena inserção e a participação nas atividades do cotidiano escolar. Professores e equipe pedagógica da escola devem refletir constantemente sobre sua prática, atentos ao planejamento e ao desenvolvimento das atividades propostas aos alunos com deficiência física no contexto do ensino regular, de modo a oportunizar experiências que possibilitem se desenvolverem por meio da apropriação dos conhecimentos científicos, mesmo que de forma alternativa, ou seja, com a utilização de recursos pedagógicos. Entendemos que o termo recurso, pode ser utilizado em uma diversidade de situações na escola, como as relacionadas ao campo humano,

arquitetônico, mobiliário e instrumental, da comunicação e de tecnologias alternativas, de atividades metodológicas, entre outras. (BERSCH, 2006).

A definição de recurso, neste trabalho diz respeito aos instrumentos utilizados para o ensino e a aprendizagem dos alunos com deficiência física, ou seja, o estímulo concreto, o instrumento que possa ser manipulável pelo aluno com deficiência física e, ao mesmo tempo, tenha uma finalidade pedagógica, caracterizando-se, assim, como um dos mediadores entre o aluno com deficiência física e o conhecimento científico elaborado no contexto do ensino regular. A escolha e a necessidade de utilização ou não do recurso pedagógico na sala de aula vai depender da atividade proposta pelo professor e do grau de comprometimento do aluno com deficiência física. Em algumas atividades, o professor precisará apenas do quadro de giz; em outras, o uso de um computador se faz necessário para que o aluno consiga selecionar símbolos e palavras com autonomia, lembrando que alunos com maior comprometimento necessitarão de alguém que os ajude a selecionar tais símbolos. (BERSCH, 2006).

Todos esses recursos possuem uma finalidade que é sempre pedagógica e caracterizam-se por serem instrumentos manipuláveis a serviço da aprendizagem dos alunos que apresentam a deficiência física. As diferenças biológicas, as limitações e os possíveis impedimentos não podem ser ignorados como se o sujeito não apresentasse nenhuma necessidade especial. E mais que isso, entender qual é a necessidade educacional especial que o aluno apresenta não serve apenas para a mera constatação da diferença, mas sim visa à prática de mediações adequadas para potencializar a aprendizagem e o nível de desenvolvimento dos mesmos, possibilitando-lhes a superação de algumas dificuldades acadêmicas decorrentes das limitações de seu organismo. Há de se levar em conta que, as vezes, somente o atendimento no ensino regular não responde à todas às necessidades especiais dos alunos. Alguns precisam de uma equipe multiprofissional (composta por professores com formação em educação especial, pedagogos com conhecimentos na área da deficiência física, terapeuta ocupacional, psicólogo e fonoaudiólogo) para atendê-los de forma integral. (BERSCH, 2006).

Portanto, é fundamental a atuação dessa equipe multiprofissional na escola em que estudam alunos com deficiência. Nesse ambiente escolar, estimulador e desafiador, rico em possibilidades de aprendizagem e de desenvolvimento humano, os aspectos metodológicos aliados às tecnologias atuais possibilitam aos professores meios para que o aluno com deficiência física tenha acesso ao currículo, proporcionando a melhoria de sua independência. (BERSCH, 2006).

1.2.1-Paralisia Cerebral

A paralisia Cerebral foi definida como uma desordem do movimento e da postura devido a uma lesão não-progressiva do cérebro em desenvolvimento ou decorrente de uma malformação cerebral. Embora o processo de mielinização do sistema nervoso central ocorra desde o período fetal até a vida adulta, considera-se Paralisia Cerebral a lesão que acomete o cérebro até os dois anos de idade, em virtude de 80% deste processo se constituir neste período da vida. (BAX, 1964).

A Paralisia Cerebral ainda é analisada em termos de gravidade: leve, moderada ou grave. Quando as alterações no movimento não limitam as atividades cotidianas, a paralisia Cerebral é considerada leve. Dificuldades na execução dessas atividades e possível necessidade de auxílio de terceiros define a Paralisia Cerebral moderada. O tipo grave está associado à dependência de terceiros para a realização de tais atividades (NELSON; SWAIMAN; RUSSMAN, 1994, p. 472).

As alterações na comunicação e linguagem que a criança com Paralisia Cerebral pode apresentar costumam ser divididas em problemas motores de expressão e em problemas na aquisição da linguagem (PUYUELO, 2001). Esses problemas podem se apresentar de modo isolado ou não, sendo a tetraplegia, a forma de Paralisia Cerebral que apresenta maior incidência de alterações de linguagem associadas.

Os problemas motores decorrentes da Paralisia Cerebral que mais interferem na comunicação estão relacionados à emissão vocal. As alterações na postura, no controle dos movimentos do maxilar, lábios e língua, e na respiração implicam dificuldades na fonação, articulação e prosódia. Note-se que não são somente os órgãos fonoarticulatórios e fonorespiratórios que participam da emissão de voz, pois o corpo como um todo também toma parte. Assim, as dificuldades no controle da cabeça, tronco e membros também interferem na expressão oral. Além disso, a alteração nos movimentos pode prejudicar outras formas de comunicação como a emissão de gestos ou a escrita manual. A desordem motora mais comumente encontrada na Paralisia Cerebral é a disartria. Tal dificuldade na incoordenação de movimentos dos músculos manifesta-se em graus de leve a grave (FISCHINGER, 1970).

A disartria interfere na emissão de sons voluntários e no controle da ritmicidade da fala, que levam a criança a apresentar dificuldades para coordenar movimentos finos, sequenciados e rápidos exigidos para a expressão oral. Desta forma, a sua fala apresentar mais

lentificada, ou parecer “enrolada” quando fala mais rápido, ou ainda ser ininteligível. (FISCHINGER, 1970).

1.3-Recursos de Comunicação

Os recursos pedagógicos são considerados de suma importância para que o aluno com deficiência física possa participar de atividades curriculares de forma autônoma e independente. Porém, antes do professor planejar e selecionar os recursos a serem utilizados pelo aluno com necessidade especial, uma avaliação criteriosa deverá ser realizada, a fim de que o professor conheça as possibilidades e as dificuldades do aluno na realização das atividades escolares. Como subsídio para o planejamento do professor, é necessário, por exemplo, que este saiba quais são as reais possibilidades de comunicação de seu aluno? Com quem, quando e como ele se comunica? Se o aluno utiliza com habilidade seu canal sensorial (visual e auditivo)? Qual é o seu comprometimento motor (membros superiores e inferiores)? Quais são suas habilidades cognitivas? E, por fim, quais são as áreas do conhecimento pelas quais demonstra maior interesse? (BRASIL/MEC/SEESP, 2003).

De posse dessas informações e também com auxílio dos familiares do aluno, o professor poderá definir os instrumentos manipuláveis de que o aluno com deficiência física necessitará para que tenha acesso aos conteúdos científicos e interaja com o professor e com os colegas de sala. Como defende Vygotsky (1991), no princípio da interação, o convívio escolar, em ambientes educativos por excelência (construídos com intencionalidade de favorecer a aprendizagem de todos os alunos), possibilita trocas cognitivas que podem promover a aquisição de conhecimentos científicos para todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, sociais, intelectuais, linguísticas ou outras. Esses conhecimentos contribuem para o desenvolvimento psíquico do aluno tendo ele ou não uma necessidade educacional especial. É muito comum encontrarmos um grande número de alunos com necessidades educacionais especiais, em especial os paralisados cerebrais, que são falantes não funcionais ou não falantes e isso justifica a necessidade de aprofundarmos o conhecimento sobre a Comunicação Aumentativa e Alternativa, vislumbrando sua implementação na nova Política de Atendimento Educacional Especializado.

O Parecer CNE/CEB 17/2001 deixa claro que “cabe a todos”, principalmente aos setores de pesquisa e às universidades, o desenvolvimento de estudos na busca de melhores recursos para auxiliar/ampliar a capacidade das pessoas com necessidades educacionais especiais de se comunicar, de se locomover e de participar de maneira, cada vez mais

autônoma, do meio educacional, da vida produtiva e da vida social, exercendo assim, de maneira plena, a sua cidadania. (BRASIL, 2001).

1.3.1 – CAA (Comunicação Aumentativa e Alternativa)

Tecnologia Assistiva (TA) é uma expressão utilizada para identificar todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e, conseqüentemente, promover vida independente e inclusão. A Tecnologia Assistiva deve ser compreendida como resolução de problemas funcionais, em uma perspectiva de desenvolvimento das potencialidades humanas, valorização de desejos, habilidades, expectativas positivas e da qualidade de vida, as quais incluem recursos de comunicação alternativa, de acessibilidade ao computador, de atividades de vida diárias, de orientação e mobilidade, de adequação postural, de adaptação de veículos, órteses e próteses, entre outros. (BRASIL, 2002).

Fazer TA na escola é buscar, com criatividade, uma alternativa para o aluno realize o que deseja ou precisa. É encontrar uma estratégia para que ele possa fazer de outro jeito, é retirar do aluno o papel de espectador e atribuir-lhe a função de ator.

O termo Comunicação Aumentativa e Alternativa (C.A.A.) de acordo Glennen (1997) é definido por outras formas de comunicação além da modalidade oral, como o uso de gestos, língua de sinais, expressões faciais, o uso de pranchas de alfabeto, símbolos pictográficos, uso de sistemas sofisticados de computador com voz sintetizada, dentre outros.

Dessa forma, a comunicação é considerada alternativa quando o indivíduo não apresenta outra forma de comunicação e, considerada ampliada quando o indivíduo possui alguma forma de comunicação, mas essa não é suficiente para manter elos comunicativos e estabelecer trocas sociais.

A Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA) é uma das áreas da TA que atende pessoas sem fala ou escrita funcional ou em defasagem entre sua necessidade comunicativa e sua habilidade em falar e /ou escrever. Busca, então, através da valorização de todas as formas expressivas do sujeito e da construção de recursos próprios desta metodologia, construir e ampliar sua via de expressão e compreensão. Recursos como a prancha de comunicação, construída com simbologia gráfica (desenhos representativos de ideias), letras ou palavras escritas, é utilizada pelo usuário da CAA para expressar seus questionamentos, desejos, sentimentos e entendimentos. A alta tecnologia nos permite também a utilização de vocalizadores (pranchas com produção de voz) ou do computador,

com softwares específicos, garantindo grande eficiência na função comunicativa. Dessa forma, o aluno com deficiência, passa de uma situação de passividade para outra, a de ator ou de sujeito do seu processo de desenvolvimento (BERSCH 2006).

O trabalho com os recursos de Tecnologia Assistiva, em especial a Comunicação Aumentativa e Alternativa, ainda é pouco divulgado no Brasil e parece existir, por parte dos profissionais e familiares, desconhecimento e insegurança a respeito de sua introdução e uso.

Há vários motivos pelos quais a Comunicação Alternativa pode realmente melhorar as chances de uma pessoa desenvolver as habilidades de fala. Quando a fala é experimentada ou trabalhada isoladamente geralmente produz tensão. Para muitos indivíduos essa tensão diminui as chances de fala compreensível, e o resultado é o aumento da sua frustração. Quando o indivíduo usa o auxílio de CAA, sua fala torna-se mais relaxada e, por isso, melhor sucedida. (JOHNSON, 1998, p. 2).

Por exemplo, se pensarmos em um aluno com Paralisia Cerebral do tipo espástica com uma disartria moderada em uma sala de aula, quando a professora faz algum questionamento à turma e este aluno tenta responder, podemos ter uma fala, nesse momento, ininteligível. Essa é uma situação de grande tensão, que provavelmente elenará ainda mais seu tônus muscular, deixando-o rígido. Se utilizarmos um recurso de apoio, como uma prancha com letras, onde o aluno possa escrever ao menos as primeiras letras do que está tentando falar, teremos uma comunicação mais eficiente e menos angustiante para todos. (JOHNSON, 1998).

A CAA (Comunicação Aumentativa e Alternativa) pode ser organizada em recursos que não necessitam de auxílio externo (sinais manuais, gestos, apontamentos, piscar de olhos, sorrir, vocalizar) e os que necessitam de auxílio externo (objeto real, miniatura, retrato, símbolo gráfico, letras e palavras, dispostos em recursos de baixa e alta tecnologia). (BERSCH, 2006).

Podemos afirmar que a CAA favorece pessoas de todas as idades e que necessitam de recursos e/ou estratégias que ampliem ou desenvolvam sua habilidade de comunicação. A introdução de CAA deve acontecer sempre que houver um distanciamento entre a capacidade compreensiva e expressiva de um sujeito ou quando a possibilidade de se fazer entender é menor do que a de seus pares (pessoas da mesma idade), diminuindo assim as oportunidades de interação e relacionamentos deste indivíduo. (BERSCH, 2006).

1.4- A Família e a Escola no Processo de Comunicação

Podemos perceber que a união da escola e da família resultará num processo de ensino e aprendizagem com maiores condições de obtenção de sucesso. Essas duas entidades socialmente construídas precisam e devem estar conscientes do seu papel, devendo ser participantes do processo de desenvolvimento dos alunos/filhos, de modo que eles sejam autônomos e críticos para agir na sociedade. Para que se possa construir uma sociedade inclusiva é preciso uma mudança no pensamento das pessoas e na estrutura da sociedade, isto requer certo tempo, mas o que irá realmente nortear e desencadear essas mudanças nas pessoas é, em um primeiro momento, a real aceitação das pessoas com necessidades especiais, e essa aceitação deve começar pela própria família. (SEAGORE, 1978, p.07).

A família como toda instituição social, apesar dos conflitos é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal (PRADO, 1981, p. 09). É nela que a criança adquire suas primeiras experiências educativas, sociais e históricas. Que a criança aprende a se adaptar às diferentes circunstâncias, a flexibilizar e a negociar, independente das normas educacionais que são impostas aos familiares, através da escola, da ideologia vigente de cada sociedade etc.

A parceria com os pais tem sido incentivada por muitos estudiosos, seja na construção de um ambiente estruturado e de aceitação entre os membros do núcleo familiar, seja como parceiro nas intervenções. (PRADO, 1981).

A participação efetiva dos pais no processo de aprendizagem facilita a prática pedagógica dos professores. Isso evidencia a responsabilidade que a escola tem em incentivar e apoiar a articulação família-escola. As duas instituições são responsáveis pela inserção do sujeito no contexto social, devendo torná-lo capaz de alcançar o conhecimento com autonomia e acompanhar as mudanças sociais, tecnológicas e econômicas. Ensinar é propiciar situações que permitam ao educando modificar o seu comportamento de determinado modo.

A família, especialmente os pais, ocupam um importante papel na mudança do comportamento de seus filhos. Ela intervém no desenvolvimento humano do indivíduo, na relação com o meio natural e social. (SEAGORE, 1978, p. 07).

1.5 Sugestões de Materiais Adaptados

Materiais como cadernos adaptados oferecem ao aluno com movimentos involuntários a possibilidade de escrever entre pautas. As linhas seguram os movimentos involuntários da mão do aluno quando este utilizar o lápis sobre o papel. O espaço entre as linhas pode ser variável dependendo da necessidade de cada aluno. São exemplos desses materiais o caderno de elástico e o caderno de madeira imantado. O caderno de elástico é confeccionado em madeira, com furos nas duas laterais. Nesses furos é passado um elástico de um lado a outro, formando linhas entre as quais serão escritos os conteúdos curriculares no contexto do ensino regular e as tarefas de casa. (JOHNSON, 1998, p.24).

A colméia é um recurso semelhante a um teclado de computador, que impede que o aluno, ao digitar, aperte teclas indesejadas devido aos os movimentos involuntários. Esse material é confeccionado com placa de plástico ou acrílico com perfurações correspondentes a cada tecla, fixada no teclado para dar segurança e firmeza ao teclar.

Existem alguns recursos de baixa tecnologia, que podem ser confeccionado pelos professores e até mesmo pela família buscando realizar a comunicação favorável, assim como (BERSCH, 2006, p. 62) indicam no atendimento educacional especializado- deficiência física são eles:

Objetos reais: o aluno poderá fazer escolhas “apontando” para objetos reais, como a roupa que deseja vestir, o material escolar que deseja utilizar, o alimento que escolherá ou o produto que deseja comprar na prateleira do supermercado.

Miniaturas: São utilizadas com alunos que apresentam dificuldades de reconhecer e significar símbolos gráficos e também com alunos cegos ou com baixa visão, onde os relevos das miniaturas os auxiliam a reconhecer o objeto e assim confirmar a mensagem que desejam expressar. As miniaturas podem ser apresentadas uma a uma ou em grupos organizados em pranchas de comunicação.

Objetos parciais: Utilizados em situações onde os objetos a serem representados são muito grandes. Nestes casos, a utilização de parte do objeto pode ser muito apropriada. Por exemplo, usar um *mouse* ou um CD para representar o computador ou um controle remoto para dizer que quer assistir à televisão.

Fotografias: podem ser utilizadas para representar objetos, pessoas ações, lugares, sentimentos ou atividades. Podemos também criar pranchas de comunicação com fotografia recortada de revistas e com rótulos de produtos. (BERSCH, 2006).

Pranchas de comunicação – Cada prancha deve ser feita do tamanho e formato necessário e na confecção, são utilizados materiais variados como folhas de papel, cartolina, isopor, madeira. Uma prancha pode ser feita a partir de uma página de álbum fotográfico ou pasta com sacos plásticos.

Além das pranchas personalizadas (prancha de comunicação pessoal) existem outras para múltiplos usuários (ambientes escolares, turma, biblioteca, que acompanha um livro ou jogo). Essas pranchas possibilitam um ambiente rico em símbolos para todos que estão no local e podem ser utilizadas por meio de um usuário de CAA.

Cartões de comunicação- Trata-se de uma maneira simples de mostrar símbolos em um espaço compacto. Os cartões são organizados em fichários, presos em argolas ou em porta-cartões, de modo que o usuário possa folheá-los. Os símbolos, disponibilizados em formato de cartões são bastante úteis na sala de aula (na construção de uma rotina com a turma).

Mesa com símbolos: é muito prático colocarmos símbolos sobre a mesa da cadeira de rodas ou da sala de aula. Esta prancha fixa é normalmente plastificada com papel *contact*, que protege e impermeabiliza os símbolos.

Avental: é confeccionado em tecido que facilita a fixação de símbolos, letras ou objetos que possuem uma parte em velcro. No avental, o parceiro de comunicação prende os símbolos e a criança responde através do olhar ou ao apontar.

Pastas de comunicação: uma forma bastante comum de dispor o vocabulário de símbolos gráficos, fotos ou letras são os cadernos, pastas com sacos plásticos ou álbuns de fotografia. Neste formato, a primeira página geralmente equivale a uma prancha principal e as seguintes são temáticas ou em subníveis.

Ao utilizar estes recursos o professor verifica se o aluno precisará de um tempo para experimentar, aprender e ele mesmo define se o resultado vai ao encontro de suas expectativas e necessidades.

II-OBJETIVOS

- Objetivo Geral:

- Estudar a comunicação e compreensão de duas alunas PC que não vocalizam, estudantes do 2º Ano do Ensino Fundamental, em uma escola regular no município de Anápolis - GO.

- Objetivos Específicos:

- Identificar como ocorre a interação e autonomia na expressão comunicativa de duas alunas PC;
- Observar e analisar como acontece a comunicação das alunas PC dentro da escola;
- Conhecer e descrever as alternativas de comunicação elaboradas pelas alunas e professoras.

III – METODOLOGIA

3.1 – Fundamentação Teórica da Metodologia

Para a realização deste trabalho foi utilizada a perspectiva qualitativa, pois possui um caráter essencialmente teórico (BRANCO; VALSINER, 1997). A teoria é vista como uma construção sistemática que é permanentemente confrontada com a multiplicidade de ideias que aparecem entre aqueles que a compartilham, das quais resultam um conjunto de alternativas que se expressam na investigação científica e que seguem diferentes zonas de sentidos.

A abordagem qualitativa é utilizada para descrever experiências de vida e seus significados da área das ciências sociais e comportamentais há muito tempo (MELZACK, 1975, p. 47).

O objeto do estudo de caso, e a análise profunda de uma unidade de estudo no entender de Godoy (1995), visam ao exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação particular, o método qualitativo tem um papel importante no campo dos estudos organizacionais.

A definição dos instrumentos deve, portanto, integrar sempre formas orais e escritas, pois uma atua como elemento descentralizador e a outra dá ao sujeito uma reflexão crítica sobre a sua própria experiência. A entrevista, por exemplo, tem o propósito de converter-se em um diálogo, em cujo curso as informações vão aparecendo na complexa trama em que o sujeito as experimenta no seu mundo real, o trabalho de campo pressupõe a participação espontânea do investigador no curso cotidiano da vida dos sujeitos investigados, não só no meio estudado, mas também na instituição estudada. (GONZALEZ-REY, 1997).

O atual estudo investigou as estratégias de comunicação das crianças com paralisia cerebral que não verbalizam, neste propósito a pesquisa foi realizada como um estudo de caso com duas crianças em uma Escola Municipal de Anápolis-GO.

3.2 Contexto da Pesquisa

A escola onde foi realizada a pesquisa pertence à rede municipal de ensino de Anápolis-GO, aqui denominada de “Cantinho Encantado”, onde encontram-se matriculadas duas crianças com necessidades especiais. A mesma atende alunos do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental, funciona em dois turnos: matutino e vespertino, atendendo 250 alunos, o

quadro de funcionários no turno matutino é composto de 02 cozinheiras, 05 professoras, 01 coordenadora técnica, 02 auxiliares de serviços gerais e 01 porteiro. O mesmo quadro de funcionário repete-se também no turno vespertino. Inclui também, trabalhando nos dois turnos: 01 gestora, 01 coordenadora de pedagógica, 01 secretária geral e 01 cuidadora, 01 professora de AEE (Atendimento Educacional Especializado).

A estrutura física da escola possui uma área de 500m², bem arejada, 05 salas de aula amplas, 01 pátio para recreação, 01 cozinha, 01 depósito, 01 sala da gestora, 01 sala de coordenação pedagógica, 01 sala de AEE, 01 sala dos professores, 01 sala de secretaria, 02 banheiros para os alunos, um feminino e outro masculino, com adaptações de acessibilidade, 01 sala de informática.

A clientela atendida são crianças cujas famílias moram em bairros próximos da escola e crianças que moram em outros bairros, independente do poder aquisitivo. É uma escola que trabalha com muita dedicação a inclusão.

3.3 Participantes

Para a realização deste trabalho participaram da pesquisa:

→ 02 (duas alunas) com paralisia cerebral, ambas com 08 anos de idade, matriculadas no 2º Ano do Ensino Fundamental, uma estuda no turno matutino e a outra no turno vespertino, em uma escola municipal de Anápolis/GO, aqui chamadas de “Lais” e “Joana”;

→ 02 (duas) Professoras regentes das alunas (P1 e P2);

→ Diretora da escola (D1);

→ 01 Coordenadora Pedagógica da escola (CP1);

→ 02 pessoas sendo as mães das alunas (ML1 e MJ1).

Para preservar os participantes os nomes das alunas são fictícios e os demais foram codificados.

3.4 Materiais

Para realização deste trabalho foram necessários os seguintes materiais:

→ 01 computador;

→ 01 impressora;

- Tinta para a impressora;
- 100 folhas de papel A4;
- Canetas;
- Bloco de Notas.

3.5 Instrumentos de Construção de Dados

Os instrumentos utilizados neste estudo foram: entrevistas semi-estruturadas e observações. O roteiro de entrevista (Apêndice A) foi respondido pelas duas Professoras (P1 e P2), Diretora (D1), Coordenadora Pedagógica (CP1), no mesmo constam 10 (dez) questões abertas e objetivas; O roteiro de entrevista (Apêndice B) foi respondido pelas mães (ML1 e MJ1), contendo 07 (sete) questões abertas e objetivas.

As observações foram realizadas em sala de aula e no recreio, em situações rotineiras do cotidiano escolar.

3.6 - Procedimentos de Construção de Dados

Através do trabalho de Coordenadora Pedagógica do AEE e, em visitas às escolas municipais de Anápolis, tive conhecimento das alunas com PC, cuja comunicação era deficitária ou ausente, motivo que me levou a escolher a escola para a pesquisa.

O primeiro momento, para a realização da pesquisa foi conversar com a Diretora para obter a autorização para a realização do trabalho e explicação dos objetivos. Foi entregue para a escola a Carta de Apresentação (Anexo A). Em seguida houve a escolha dos participantes, sendo escolhidas 2 (duas) crianças do 2º Ano do Ensino Fundamental, que não possuem comunicação convencional, contemplando o tema da pesquisa: A comunicação do deficiente físico (estudo de caso).

Após uma conversa informal e explicando como seria a pesquisa e qual o objetivo da mesma, sem objeções as professoras regentes, gestora e coordenadora assinaram os Termos de Consentimento. Em outro momento marquei com as mães das alunas “Joana” e “Laís” na escola e elas concederam a entrevista, bem como assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Nesta mesma data as professoras, gestora e coordenadora também foram entrevistadas. Durante a entrevista com as pesquisadas foi utilizado um roteiro prévio, o registro foi realizado em um bloco de notas. Para complementação das informações

foram realizadas um total de 05 sessões de observações das alunas em diversas situações no ambiente escolar.

A escola teve boa acolhida em relação a proposta da pesquisa, disponibilizou todo o espaço e aceitou bem a pesquisa.

3.7- Procedimentos de Análise de Dados

A pesquisa desenvolveu-se através de observações e entrevistas, com as mães e a equipe envolvida com as crianças pesquisadas. Foi analisada cada pergunta, tendo como ponto de partida os objetivos do trabalho, entender como é a comunicação destas crianças. As respostas das questões pelas pesquisadas foram transcritas na íntegra, bem como pontuados os aspectos da comunicação observados em campo sempre recorrendo aos autores que fundamentaram o presente trabalho.

IV – RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após realizada a coleta de dados sobre o estudo sobre a comunicação e compreensão de duas alunas com Paralisia Cerebral (P) que não verbalizam, estudam no 2º Ano do Ensino Fundamental, em uma escola regular no município de Anápolis – GO, encontramos os seguintes resultados:

4.1 Análise da Entrevista com as Professoras/Diretora/Coordenadora

Com o intuito de mostrar a forma de comunicação e como professoras, diretora e coordenadora observam a comunicação sendo um elo para a aprendizagem, seguem os relatos desta experiência:

Na primeira questão foi perguntado aos participantes se as alunas Laís e Joana se comunicam. As mesmas responderam que “**Sim**”.

Em seguida foi solicitado que respondessem se as alunas se expressavam através da fala e a resposta foi “**Não**”, pois as mesmas não conseguem manter uma comunicação convencional através da fala.

As pesquisadas informaram que as alunas se comunicam através de olhares e expressões faciais, além de aperto de mão.

A diretora e coordenadora (D1 e CP1) disseram que a comunicação através dos olhares e expressões faciais com as alunas é diferente, pois o contato não é tão intenso como o da professora, que já utiliza o aperto ou afastamento da mão indicando **sim** e **não**, estabelecendo uma comunicação. Presenciei este momento em que a professora promove uma atividade e aluna “Lais” olha de forma satisfeita para a professora, indicando que seja um **sim**.

Uma grande preocupação da diretora (D1), coordenadora (CP1) e professoras (P1 e P2) diz respeito ao aprendizado das alunas, ou seja, como ocorre o mesmo e também as estratégias realizadas com as alunas, se foram alcançados os objetivos. Assim, como é lembrado por Bersch (2006) “que refere que os recursos pedagógicos sejam claros para que as barreiras que limitam a aprendizagem dessas pessoas sejam superadas.”

Em relação a esta questão a diretora (D1) e a coordenadora (CP1), disseram que observam se realmente é contemplado no planejamento das professoras as estratégias que são utilizadas no decorrer da aula com as alunas, como uso do lúdico, interação e investigação. As professoras (P1 e P2), relatam que vêem de forma pedagógica que as alunas absorvem o conteúdo de forma lenta. No entanto, acontece a aprendizagem, que por vezes necessitam ir

mudando a forma de abordagem. Observei que existe empenho para que as alunas sejam inseridas na escola de forma positiva e proveitosa, para que ocorra não somente a inclusão, mas sim a alfabetização.

No relato da Diretora (D1), coordenadora (CP1) e professoras (P1 e P2), as alunas se mostram mais expressivas e atentas durante o recreio, pois neste momento os amiguinhos ficam com elas tentando ajudá-las a lanchar e tentam compreender como elas brincam com suas limitações. Este momento não estive presente na escola observando, mais foi descrito pelas professoras que em brincadeiras no recreio com música ou mesmo nos jogos os coleguinhas fazem com que elas participem ficando perto e vendo as brincadeiras e mostrando alegria em cada ação.

As habilidades das alunas, relatadas pelos profissionais entrevistados são: visuais, auditivas e perceptivas, pois observam nelas a vontade de aprender e se integrar com as outras crianças; bem como buscando afinidades com alguns colegas, sendo um ponto positivo para o processo de aprendizagem a auto-estima preservada. Observei neste aspecto que as alunas ficam atentas quando alguém conversa perto delas, e mesmo as crianças de sala que tentam ajudá-las, quando cai algum objeto no chão ou há entrega de atividade na mesa, percebem o que esta acontecendo ao redor delas.

Segundo as pesquisadas os recursos utilizados para comunicação na sala de aula são os cartões de comunicação e através do sorriso que indica satisfação e o choro que indica insatisfação, também através de apontamento em algumas situações quando mostram uma figura ou letra. Segundo Nunes (1992) a comunicação é uma necessidade básica entre os homens. Faz-se necessária nas relações, constituído-se num aspecto fundamental para sobrevivência. Em minhas observações notei que uma professora das alunas pesquisadas elaborou uma rotina com figuras de revista onde apresentavam: chegada na escola, atividade dentro e fora da sala de aula, recreio, momento da leitura e outros itens, explorando a percepção visual e colocando o que realmente aconteceria na escola.

Bersch (2006) expressa-se muito bem quando fala que existem alguns recursos de baixa tecnologia, que podem ser confeccionados pelos professores e até mesmo pela família buscando realizar uma comunicação favorável. As professoras podem buscar como recurso de comunicação: figuras de revistas, embalagens, fotografias e objetos reais.

Outra preocupação das entrevistadas diz respeito a avaliação destas alunas, pois como elas estão no 2º Ano, a avaliação é realizada através de nota e não por conceito como ocorre no 1º Ano. Sendo assim, conforme relataram, foi estabelecido que as alunas seriam avaliadas pelas habilidades que apresentavam e entendimento do conteúdo, através do

apontamento ou contato através do aperto das mãos, uma vez que não tem como ser exigido uma escrita convencional e reconhecem que as alunas necessitam de adaptação. Piaget (1975) afirma que a inteligência se constrói mediante a troca entre o organismo e o meio, mecanismo pelo qual se dá a formação das estruturas cognitivas.

4.2- Análise da Entrevista com Mães das Alunas PC

Quando uma criança apresenta alterações na linguagem, a dimensão dessa dificuldade está relacionada ao modo como o meio circundante atribui significado a esta alteração e ao quanto destoa o desempenho da criança do desempenho de seus pares. Portanto, as dificuldades impostas pela lesão cerebral adquirem significados nas relações sociais e no conjunto constituído pela capacidade adaptativa do organismo da criança, por estratégias que o meio cria para promover o acesso aos bens e pela habilidade da sociedade em organizar as demandas sociais de acordo com as possibilidades da criança, de modo a proporcionar uma sociedade realmente ativa e produtiva para ela. (VIGOTSKI, 1989).

“A família como toda instituição social, apesar dos conflitos é a única que engloba o indivíduo em toda a sua história de vida pessoal” (PRADO, 1981, p. 09), inspirada nesta afirmativa foi analisada a entrevista com os pais, perguntando para mãe da aluna “Joana” se a filha se comunica bem. A resposta foi “Não”, pois ela não se comunica bem como deveria ser, mas entendo o que ela quer. A mesma resposta foi fornecida pela mãe de “Lais”. Ambas relataram que em casa a família busca compreender e ter paciência para entender as crianças. “Podemos perceber que a união da escola e da família resultará num processo de ensino e aprendizagem com maiores condições de obtenção de sucesso.” (SEAGORE, 1978, p.07).

Quando perguntei para as mães das alunas “Lais e Joana” qual a dificuldade que a família encontrava nas atividades escolares, as repostas foram semelhantes. Elas relatam que sentem dificuldades ao realizar as tarefas e que buscam junto com as Professoras e Coordenadora Pedagógica como as tarefas podem ser realizadas, e em que elas podem ajudar. A parceria com os pais tem sido incentivada por muitos estudiosos, seja na construção de um ambiente estruturado e de aceitação entre os membros do núcleo familiar, seja como parceiro nas intervenções. (DYRBJERG, 2007).

Na pergunta que questiona a importância da escola para a criança e se elas se desenvolvem como esperado relataram que: se não fosse a escola elas não participariam da inclusão e não estariam como estão, ou seja, desenvolvendo-se a cada dia. Vigotsky (1989) e

Braga (1995) afirmam que o futuro de uma criança com paralisia cerebral dependerá muito das possibilidades que ela venha a ter na interação com o meio.

Na pergunta sobre professora de apoio a mãe de “Joana” informou que possui um “cuidador”. Já “Lais” está aguardando a escola providenciar um. Foi esclarecido pelo Setor de Recursos Humanos que no município de Anápolis houve concurso para “cuidador” e a escola aguarda a homologação do mesmo. Foi esclarecido para a mãe de “Lais” que logo o cuidador chegará na escola.

Outra questão colocada para a família foi sobre outros atendimentos que as crianças possuem. Elas responderam que as filhas fazem outros atendimentos com Fonoaudióloga, Fisioterapeuta, Terapia Ocupacional e AEE (Atendimento Educacional Especializado). A importância destes atendimentos nos remetem a Issler (1996) informando que para uma boa articulação, são necessários integridades neurológicas, psicológicas e físicas no indivíduo, fazendo-se necessário uma equipe multiprofissional para intervir nas necessidades de uma criança com Paralisia Cerebral.

O contato com os pais não foi tão intenso, pois a comunicação em casa somente foi relatada por eles (pais), mas ficou bem claro que eles estão em busca de conhecimentos e soluções para compreender melhor as filhas e na esperança que tenham uma vida acadêmica favorável, não medindo esforços para buscar o melhor e tornarem-se parceiros da escola nesta descoberta.

V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho os objetivos foram: estudar a comunicação e compreensão de duas alunas PC que não vocalizam, que estudam no 2º Ano do Ensino Fundamental, em uma escola regular no município de Anápolis – GO; como ocorre a interação e autonomia na expressão comunicativa de duas alunas PC (paralisia cerebral); e observar e analisar como acontece a comunicação das alunas PC dentro da escola; Conhecer e descrever as alternativas de comunicação elaboradas pelas alunas e professoras. Em cada tópico do trabalho ficou explanado o assunto e caracterizados por vários autores que versam sobre o tema.

Os principais resultados encontrados foram que as alunas não se comunicam através da fala. No entanto, se comunicam, pois as pesquisadas informaram que as alunas se comunicam através de olhares e expressões faciais, além de aperto de mão. A comunicação com as professoras é diferenciada, mais efetiva, pois utilizam o aperto de mão indicando **sim** e **não**, estabelecendo uma melhor comunicação com as mesmas. Em relação à comunicação, as mães relataram que a família busca compreender e ter paciência para entender as crianças, e que conseguem entender o que elas querem.

Outra questão que preocupa as pesquisadas é a aprendizagem das alunas, ou seja, se realmente estão aprendendo. Em relação a isto as Professoras Regentes informam que as alunas absorvem o conteúdo de forma lenta. Portanto, acontece a aprendizagem, mesmo que tenham que ir mudando de estratégias para que ela ocorra. Uma dificuldade apontada pelas mães diz respeito às tarefas escolares e que elas buscam junto às Professoras e Coordenadora Pedagógica, como as mesmas podem ser realizadas e, em que, elas podem ajudar.

Segundo as pesquisadas as alunas se mostram mais expressivas e atentas durante o recreio, pois neste momento os amiguinhos ficam com elas tentando ajudá-las a lanchar e tentam compreender como elas brincam com suas limitações.

De acordo com as pesquisadas as habilidades das alunas são: visuais, auditivas e perceptivas, pois observam nelas a vontade de aprender e se integrar com as outras crianças; bem como buscando afinidades com alguns colegas.

As pesquisadas informaram que os recursos utilizados para comunicação na sala de aula são os cartões de comunicação e através do sorriso que indica satisfação e o choro que indica insatisfação, também através de apontamento em algumas situações quando mostram uma figura ou letra.

Outra questão importante esclarecida pelas pesquisadas diz respeito a avaliação destas alunas, pois no 2º Ano a avaliação é realizada através de nota. Sendo assim, conforme

relataram, foi estabelecido que as alunas eram avaliadas pelas habilidades que apresentavam e entendimento do conteúdo, através do apontamento ou contato através do aperto das mãos, uma vez que não tem como ser exigido uma escrita convencional e reconhecem que as alunas necessitam de adaptação.

As mães das pesquisadas informaram que a escola é muito importante para as crianças, pois se não fosse a mesma elas não participariam da inclusão e não estariam como estão, desenvolvendo-se a cada dia.

Em síntese o estudo de caso veio de encontro com uma importante pergunta: como pode ser a aprendizagem destas crianças que não comunicam por disfunção orgânica? E, foi bem respondida tanto pela equipe da escola como pela família, que estão ainda em busca de alternativas, não possuem receitas prontas, mas em constante descoberta do conhecimento e como elas se adaptam as informações, e em busca de recursos que podem ser benéficos tanto para a socialização como para o aprendizado.

A comunicação entre os profissionais da escola e as alunas foram momentos de descoberta, utilizaram o cartão de comunicação de forma simples e experimental com desenhos e figuras sabendo do potencial das alunas. Foi utilizado de forma visual e apontamento para ocorrer a comunicação. Os profissionais percebem e reconhecem que é um processo lento mas que tem resultado dentro das limitações das alunas. A comunicação e a resposta tem sido o ponto de investigação e atuação efetiva, sendo que as alunas não conseguem escrever convencionalmente, não porque não sabem, mas pelas características da deficiência nos membros superiores. As professoras relataram que os pais mostram satisfeitos e esperançosos com os progressos das filhas respeitando e entendendo seus limites.

Atitudes de descobrir, reinventar e acreditar faz a diferença na inclusão e na vida de pessoas que necessitam desta forma de atendimento e incentivo para tornarem-se cidadãos e desfrutar dos seus direitos.

Durante as observações em campo pude notar que a família juntamente com a escola tem compromisso e sabem as necessidades das crianças, buscando no dia-a-dia fazer a inclusão que contemple não somente estas alunas, mais sim a escola como um todo.

O processo de desenvolvimento ainda está acontecendo e as investigações serão realizadas a cada dia. Este estudo de caso é finalizado com a descoberta do compromisso de todas as pessoas envolvidas no processo de fazer as crianças “Joana e Lais” seguirem suas vidas acadêmicas com êxito e satisfação. No entanto, não se extingue aqui a busca constante de entender e compreender como será feita essa comunicação tanto na escola como na família, e que independente da circunstância a educação inclusiva deve acontecer.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. São Paulo-SP: Saraiva, 2005.
- ANNUZZI, G. de M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas-SP: Autores Associados, 2004.
- BAX, M. C. **Terminology and Classification of cerebral palsy**. London. v. 11, p. 295-297, June 1964.
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.
- BERSCH, R. Tecnologia Assistiva. *In*: SCHIRMER, C. R. *et al.* **Atendimento educacional especializado: deficiência física**. Brasília: SEESP/SEED/MEC, 2006. P. 31-40.
- BRAGA, L. W. **Cognição e paralisia cerebral: Piaget e Vigotsky em questão**. Salvador: Sarah Letras, 1995. P. 134.
- BRANCO A. U. e VALSINER, J. Changing methodologies: a co-constructivist study of goal orientations in social interactions. *In*: **Psychology and Development societies**, v. 9, (1), 1997. P. 35-64. Londres: Sage.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Portal de ajudas técnicas para educação: equipamento e material pedagógico para educação, Educação Especial**. Brasília: MEC: SEESP, 2002, fascículo 1.

BRASIL. **DECRETO nº 5.296/2004**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção de acessibilidade das pessoas portadoras de deficiências ou com mobilidade reduzida, e da outras providências. Brasília, 02/12/2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e práticas da inclusão: Dificuldades Acentuadas de Aprendizagem: Deficiência Múltipla**. 2 ed. rev. Brasília: MEC/SEESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CEB 17/2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf>. Acesso em: 20 de fevereiro 2011.

DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. Análise de processos comunicativos utilizados por uma criança com paralisia cerebral espástica. *In*: MANZINI, E. J. **Educação Especial: temas atuais**. Marília: Unesp, 2000. P.35-45.

DYRBJERG, P; Vedel, M. **Everyday Education: Visual support for Children with autism**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2007.

FISCHINGER, Bárbara Sybille. **Considerações sobre a Paralisia Cerebral e o Seu Tratamento**. Porto Alegre: Edição Sulina, 1970.

GLENNEN, S. L. **The handbook of augmentative and alternative communication**. San Diego: Singular, 1997. P. 3-20.

GIL, I. L. C. **Aprendizagem e inclusão escolar de criança com paralisia cerebral e grandes alterações na comunicação**. Brasília-DF: Ministério da Educação, 2002. P. 138-154.

GODOY, Arilda S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *In*: **Revista de administração de empresas**. V.35, Março/Abril-1995. P.57-63.

GONZÁLEZ REY, F. **Epistemologia Cualidade y Subjetividad**. EDUC: São Paulo, 1997.

ISSLER, S. **Articulação e Linguagem**. São Paulo: Lovise, 1996. P.17-31.

JAKUBOVICZ, Regina; CUPELLO, Regina. **Introdução à afasia - Elementos para diagnóstico e terapia**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

JOHNSON, Roxanna. **Guia dos Símbolos de comunicação Pictórica**. Porto Alegre: Click, 1998.

LIMONGE, S. C. O. A Linguagem na criança de onze a catorze anos: Sua expressão no período formal, *In*: OLIVEIRA, V. B.; BOSSA, N. A. **Avaliação psicopedagógica do adolescente**. Petrópolis- RJ: Vozes, 1998.

MACIEL, Diva Albuquerque. RAPOSO, Mírian, Barbosa Tavares. Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão. *In*: KELMAN, Celeste Azulay [et. al.]. **Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar**. Brasília: Editora UnB, 2010. P. 73-102.

MANCINI, M. C.; FIÚZA, P. M.; REBELO, J. M.; MAGALHÃES, L. C.; COELHO, Z. A. C.; PAIXÃO, M. L.; GONTIJO, A. P. B.; FONSECA, S. T. **Comparação do desempenho de atividades funcionais em crianças com desenvolvimento normal e crianças com paralisia cerebral**. Arquivos de Neuro-Psiquiatria. Belo Horizonte, v. 60, n. 2b, p. 446-452. 2002.

MELZACK, R. **The McGill Pain Questionnaire: major pro-perties and scoring methods**. Pain, 1975. P. 99-277.

NAKASATO, Vanessa. **Família faz a diferença na hora do estudo**. 2006. Disponível em: <<http://www.aprendiz.uol.com.br/content/kicrepuucr.mmp>>. Acesso em: 20/10/2008.

NELSON, K. N.; SWAIMAN, K. F.; RUSSMAN, B. S. Cerebral Palsy. *In*: SWAIMAN, F. K. (org). **Pediatric Neurology: principles and practice**. 2. Ed. StLouis: Mosby, 1994. P. 518-527.

NUNES, L. R. Métodos naturalísticos para o ensino da linguagem funcional em indivíduos com necessidades especiais. *In*: ALENCAR, E. (Ed.). **Novas contribuições da Psicologia aos processos de ensino e aprendizagem**. São Paulo: Cortez, 1992. P. 71-96.

PIAGET, J. **A Epistemologia Genética e a pesquisa Psicológica**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, Jean. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PRADO, Danda. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

PUYUELO, M. S. **Problemas de linguagem na paralisia cerebral: diagnóstico e tratamento**. Santos-SP: Livraria Editora, 2001. P.17-80.

SANTOS, P. F.; BARBATO, S. **Concepções de professores sobre a inclusão escolar de alunos com distúrbios neuromotores**. Linhas Críticas. UnB, v. 12, p. 245-261, 2006.

SEAGORE, May Violet. **O processo de aprendizagem e a prática escolar**. 2 ed. SP: Companhia Editora Nacional, 1978.

TETZCHNER, E.V.& MARTINSEN, H. Augmentative and alternative Communication. *In: Sign teaching &The use of communication AIDS*. London: Whurr Publishers, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

APÊNDICES

A – Roteiro de Entrevista - Professor/Diretor/Coordenador (Modelo)

Aluno(a)_____ idade:_____

Ano:_____ deficiência:_____

Entrevistados:_____

1- O Aluno (a) se comunica?

() Sim () não

2- O aluno(a) se expressa através da fala?

() Sim () não

3- Formas de comunicação:

() Vocaliza

() Utiliza gestos

() Olhares

() Expressões faciais

() outras formas:

4-Como é a aprendizagem deste aluno(a)?

5- Quais estratégias foram realizadas (ou oferecidas) para obter êxito no aprendizado?

6-Quando o aluno(a) é mais expressivo (situações)?

7-Quais habilidades foram observadas neste (a) aluno(a)?

() visuais

() auditivas

() outras

8- Quais os recursos utilizados para a comunicação na sala de aula?

9-Mostra afinidade pelos colegas e interage com a turma?

10-Como é feita a avaliação escolar desta criança?

Data_____/_____/_____.

B – Roteiro de Entrevista - Pais (Modelo)

Aluno(a)_____idade:_____

Ano:_____ Deficiência:_____

Entrevistados:_____

1-Seu/Sua filho(a) se comunica bem?

 Sim não

2-Forma de comunicação com a família

3-Qual a dificuldade que a família encontra nas atividades escolares?

4-Qual a importância da escola para a criança?

5-A criança desenvolve como o esperado?

6-A criança tem professor(a) de apoio na escola?

 Sim não

7- Por favor, cite outros atendimentos que seu/sua filho(a) possui.

ANEXOS

A – Carta de Apresentação na Escola (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano, Educação e Saúde PG-PDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



A(o) Diretor(a):

Escola Municipal

De: Prof.ª Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva. O trabalho será realizado pela Cursista Deborah Carvalho da Silva Cardoso, sob orientação da Professora Mestre Rosania Aparecida Stoco de Oliveira, cujo tema é: A comunicação do deficiente físico e Paralisia Cerebral, possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos nos telefones. (061) 3107-6062 ou por meio do site: www.uab.unb.br.

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-Pais (Modelo)

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre A comunicação do deficiente físico com Paralisia Cerebral.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevista com os pais, professora, coordenadora e diretora, fotos com as crianças na escola, Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone xxxx ou no endereço eletrônico: deboraheducfisio@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Deborah Carvalho da Silva Cardoso

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar - UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais/Responsáveis (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL

Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Pais ou Responsáveis,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre A comunicação do deficiente físico com paralisia Cerebral. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa observações, gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola, próprias das NEEs , e, ainda, entrevistas (gravadas em áudio) com os alunos e professores. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo. Para isso, solicito sua autorização para que seu(sua) filho(a) participe do estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Seu(sua) filho(a) poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que a identificação de seu(sua) filho(a) não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone xxxx ou no endereço eletrônico: deboraheducfisio@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Deborah Carvalho da Silva Cardoso

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar - UAB – UnB

Sim, autorizo a participação de meu (minha) filho(a) _____
neste estudo.

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores Professor (a),

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre A comunicação do deficiente físico com Paralisia Cerebral.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevista com os pais, professora, coordenadora e diretora e fotos, Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone xxxx ou no endereço eletrônico: deboraheducfisio@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Deborah Carvalho da Silva Cardoso

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar - UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Diretor (Modelo)



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhora Diretora,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre A comunicação do deficiente físico com Paralisia Cerebral.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevista com os pais, professora, coordenadora e diretora e fotos, Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone xxxx ou no endereço eletrônico: deboraheducfisio@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Deborah Carvalho da Silva Cardoso

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar - UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Coordenador (Modelo)

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED

Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhora Coordenadora,

Sou orientando do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil- Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre A comunicação do deficiente físico com Paralisia Cerebral.

Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

Constam da pesquisa entrevista com os pais, professora, coordenadora e diretora e fotos, Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que a participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo a você. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone xxxx ou no endereço eletrônico: deboraheducfisio@gmail.com. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Deborah Carvalho da Silva Cardoso

Orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
Escolar - UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? () Sim () Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____